

ARLENE REIS

A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA POLÍTICA DE ARISTÓTELES

# FILOSOFIA

RELATÓRIOS DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA — UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
C.P. 476 — CEP 88040-900 — FLORIANÓPOLIS, SC  
FONE 31-9248 — FAX 34-4069 — E-MAIL FIL@BRUFSC.BITNET

ANO II - N. 18 - NOVEMBRO DE 1994

ARLENE REIS

A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA POLÍTICA DE ARISTÓTELES

FILOSOFIA: RELATÓRIOS DE PESQUISA

PRÉ-PUBLICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**RESUMO:** Vários comentadores de Aristóteles tem retomado a clássica afirmação (que determina a especificidade do homem em relação ao animal) O Homem é um animal racional e sentido dificuldades de relacioná-la com outra afirmação que, tanto quanto a primeira, distingue o homem dos outros seres animados: O Homem é um animal político. Este trabalho procurará mostrar que, no texto intitulado A Política, há uma relação harmônica entre estas duas facetas do humano, pois, de um lado, o Estado só poderá existir se os homens utilizarem o "comércio das palavras" e através delas deliberarem o melhor para si; de outro, o Homem só aprende a falar na relação com outros homens.

FILOSOFIA: RELATÓRIOS DE PESQUISA  
PRÉ-PUBLICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Estas Pré-Publicações se destinam a veicular os resultados das pesquisas realizadas pelos professores do Departamento de Filosofia da UFSC. Os textos aqui apresentados não estão acabados, mas ainda em fase de elaboração, para serem enviados posteriormente a revistas especializadas. Os autores esperam contar com críticas e sugestões dos leitores, para chegarem a textos finais mais maduros e ricos. O Departamento de Filosofia espera com esta forma antecipada de divulgação gerar um clima de constante e produtivo debate entre seus professores e alunos.

Rosa M<sup>a</sup> Lisbôa Bergallo  
Coordenadora de Pesquisa e Extensão

ANO I (1993) - Ns. 1 a 8

1. A Abordagem Arquegenealógica da Sexualidade.  
ALVACI R.P. NIEHUES
2. A Distinção Observável/ Inobservável no Empirismo Construtivo de van Fraassen. - LUIZ HENRIQUE DE A. DUTRA
3. A Ontologia Parmenídica em Aristóteles.  
ARLENE REIS
4. Violência, Agressão, Força...  
SÔNIA T. FELIPE
5. O Anarquismo Ético de Robert Nozick  
SÔNIA T. FELIPE
6. Lévy-Bruhl: A Pré-Lógica e o Irracional  
JOÃO E.P.B. LUPI
7. A concepção de Justiça Pública em John Rawls  
SÔNIA T. FELIPE
8. O "Ethos" da Ciência: Uma Questão Polêmica  
ALBERTO OSCAR CUPANI

ANO II (1994) - Ns. 9 -

9. O Problema da Separação (Chorismos) em Platão  
LUIZ FELIPE BELINTANI RIBEIRO
10. Neopirronismo na Filosofia da Ciência  
LUIZ HENRIQUE DE A. DUTRA

11. Crítica Pontiana à Filosofia "Reflexionante" e a Idéia da Reflexão "Reversível" - MARCOS JOSÉ MULLER
12. Elementos para uma Análise da Noção de Fim Moral na Ética a Nicômaco. DELAMAR JOSÉ VOLPATO DUTRA
13. A cosmologia de Orígenes - JOÃO E.P.B. LUPI
14. Epistemologia em clave institucional - GUSTAVO CAPONI
15. A questão da linguagem em Aristóteles - ARLENE REIS
16. Milagres e leis da natureza em Pierce e Hume  
SARA ALBIERI
17. Igualdade Natural ou Superioridade Brutal? Uma Escolha Ética na Definição da Nossa Relação para com as Demais espécies. (Um estudo da proposta de Peter Singer para redefinir a concepção ética de igualdade). SÔNIA T. FELIPE

## A CONCEPÇÃO DE HOMEM NA POLÍTICA DE ARISTÓTELES.

Vários comentadores de Aristóteles tem retomado a clássica afirmação (que determina a especificidade do homem em relação ao animal) 'O homem é um animal racional' e sentido dificuldades de relacioná-la com outra afirmação, que tanto quanto a primeira, distingue o homem dos outros seres animados: O homem é um animal político. Pierre Aubenque chega mesmo a afirmar que a maioria dos estudiosos do estagirita, quando procuraram conhecê-lo globalmente, tiveram sérias dificuldades de relacionar a filosofia prática e outras facetas do pensamento aristotélico. Contentaram-se com a divisão entre um empirismo moral, onde a ética e a política são consideradas o lugar de contingência e um intelectualismo da lógica e da metafísica. (Cf. AUBENQUE, p. /). O conceito de homem como racional (vínculo com intelectualismo da lógica) e político (vínculo com ética e política) relaciona-se à estas duas facetas e a reunião destas causa sérios embaraços. O objetivo deste trabalho é mostrar como, na Política, podem relacionar-se estas duas compreensões do homem e como uma sem a outra não teria sentido; é mostrar que ambas são faces de uma mesma moeda.

O homem é, segundo Aristóteles, um animal capaz de associar-se. Cada associação cumpre fins determinados e possui graus diferentes de importância para a vida humana. A família, por exemplo, é uma associação constituída para prover as necessidades cotidianas dos homens; a aldeia consiste numa reunião de famílias e existe para prover utilidades comuns que não são as cotidianas; a reunião de diversas aldeias forma a Πόλις que é, para Aristóteles, o mais perfeito modo de associação humana, pois nasceu da necessidade de viver, mas existe não só para garantir a sobrevivência e sim para dar aos seus participantes uma vida feliz. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*, 1960. I, 6,7,8.)

Na perspetiva de Aristóteles, não basta falar

da capacidade humana de associação, cumpre salientar que o homem faz-se humano associando-se. O indivíduo, a família e a aldeia são partes da Πόλις. Para o estagirita o todo é anterior às partes e na "ordem da natureza" a Πόλις é anterior ao indivíduo. Um indivíduo isolado não se basta a si próprio. O estagirita afirma: *"Ora, aquele que não pode viver em sociedade, ou que nada precisa para bastar-se a si próprio, não faz parte do Estado; é um bruto ou um deus. A natureza compele assim todos os homens a se associarem."* (ARISTÓTELES, *Política*, 1960. I,2.) O homem é um animal político.

A Πόλις existe para que os homens vivam juntos e vivam bem. Os escravos e os animais podem viver juntos mas não participam da felicidade pública e não vivem conforme suas vontades (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p.44) É na Πόλις que a vida encontra os "meios de perfeição e de suficiência". Nela o homem pode viver feliz e honestamente, pode viver o maior bem que é a justiça. (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p.146.). Para Aristóteles "A sociedade civil é, menos uma sociedade de vida comum do que uma sociedade de honra e de virtude." p. 47

Conferindo as afirmações anteriores pode-se perceber que a Πόλις, que é um todo, reúne partes e estas partes devem integrar-se para que os fins do todo e os de cada corpo possam realizar-se. Aristóteles faz uma analogia entre as partes que compõem os seres em geral e as partes da Πόλις: afirma que assim como nos seres em geral as partes que os compõem não precisam estar todas reunidas para que se constitua um corpo organizado, no caso da Πόλις, nem todos os seus elementos são necessários e constitutivos do corpo político. Em outras palavras, tanto nos corpos em geral como no "corpo político" não são todos os seus elementos que pertencem à sua essência. (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p.83) Outra analogia, feita através da relação do corpo do animal com o corpo político, completa este raciocínio mostrando quais são as partes mais importantes deste mesmo "corpo político": *"Assim como entre as partes do animal se deve colocar a alma*

numa posição bem superior ao corpo, deve-se também, na organização de um estado, colocar bem antes e bem acima das partes relativas às necessidades da vida corporal o exército, os tribunais e o Conselho, que são como que a alma da vida civil sobretudo o Conselho, que é como que o seu intelecto." (ARISTÓTELES, Política. p. 108). Para Aristóteles uma Πόλις que preserve com maior cuidado a sua "alma civil" será mais justa.

De um lado a Πολις é vista a partir de uma forma de ordenação de suas partes onde vigoram a possibilidade da igualdade e do respeito às leis; onde esta mesma ordem deve fazer-se baseada na virtude e por isto constituir-se-á no melhor bem. Trata-se de um modo idealizado de ver o estado. De outro, Aristóteles, quando descreve as formas concretas de governo, afirma a necessidade de existirem várias espécies de Estado e mostra que embora o melhor seja uma Πόλις constituída a partir da virtude nem sempre isto é possível. Aristóteles afirma: "Estado ou Cidade é uma sociedade de pessoas semelhantes com vistas a levar juntas a melhor vida possível. Sendo portanto, a felicidade o maior bem e constituindo no exercício e no uso perfeito da virtude, e sendo possível que alguns participem muito dela e outros pouco ou absolutamente nada, esta diversidade teve necessariamente que produzir várias espécies de Estados e de governos, segundo o gênero de vida e os meios que cada povo emprega para alcançar o bem estar." (ARISTÓTELES, Política. p. 84)

São muitas as causas da diversidade de governo. O legislador deve ver, em cada caso particular, qual a forma de governo possível de se estabelecer e qual a forma de governo é mais conveniente a uma Πολις determinada. (cf. ARISTÓTELES, Política. p. 132). Os Estados possuem famílias ricas, famílias pobres e famílias em situação média. Nele uns dedicam-se à profissão das armas, outros são civis. "Entre os que são chamados povos", uns são lavradores, outros são mercadores, outros são artesãos e trabalhadores manuais; entre os nobres a diferença de riqueza permite que alguns criem cavalos e outros não. Além destas

diferenças citadas que são demarcadas pela riqueza, Aristóteles observa que entre os cidadãos existem diferenças criadas pelo nascimento, pelo mérito etc.. (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 94-95). Tem-se que levar em conta também o fato de que, para Aristóteles, "cada povo recebeu da natureza certas disposições e a diferença de caracteres..." (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 130). Povos que habitam as regiões frias são de natureza corajosa mas de pouca inteligência (principalmente a Europa). Asiáticos são mais inteligentes mas não são corajosos. Gregos em sua maioria possuem inteligência e coragem, sendo por isso inteligentes e livres. (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 130). Aristóteles entende que a vida civil depende da inteligência e da coragem, principalmente quando ela instala-se a partir da virtude. (cf. ARISTÓTELES, *Política*, p. 130). As várias formas de governo são resultantes das ordens estabelecidas a partir destas diferenças. (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 96). Elas são classificadas por Aristóteles do seguinte modo: Monarquia, Aristocracia e República; existem também as formas degeneradas das primeiras: Tirania, Oligarquia e Democracia )

Resumindo o até aqui exposto sobre como a visão aristotélica da *Πόλις* determina seu conceito de homem pode-se dizer que este não pode viver isolado, tem como característica própria a capacidade de viver segundo regras que lhe ampliam ou limitam as possibilidades de ação. Este viver segundo regras significa estar associado a outros não com um objetivo limitado como por exemplo conseguir lucros financeiros ou defender-se de inimigos o que resultaria numa associação financeira ou de proteção. O conceito de *Πόλις* implica em algo mais e ser animal da *Πόλις* implica em algo mais. Diferentemente dos outros animais o ser humano tem a noção do justo e do injusto. Deve-se neste momento acrescentar outra característica humana que o possibilita fazer parte da *Πόλις*; trata-se da sua capacidade de, pela linguagem, expressar sentimentos e, neste caso, falar é ordenar as ações tendo como principal critério a virtude. A *Πόλις*

é, dentre as associações humanas possíveis, a mais perfeita e a ela o homem está destinado porque só nela o homem realiza-se plenamente, só nela o homem pode alcançar a felicidade, só nela a violência é substituída pela ordem da palavra. Aristóteles afirma: "É evidente, pois que a cidade faz parte das coisas da natureza, que o homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade e que aquele que, por instinto, e não porque qualquer circunstância o inibe, deixa de fazer parte de uma cidade, é um ser vil ou superior ao homem. Tal indivíduo merece, como disse Homero, a censura cruel de ser sem família, sem leis, sem lar. Porque ele é ávido de combates, e, como as aves de rapina, incapaz de se submeter a qualquer obediência." (ARISTÓTELES, Política. I,9).

Se se levar em conta a importância da linguagem como instrumento que possibilita a relação entre os homens tendo como base a virtude, percebe-se claramente o entrelaçamento entre duas características essenciais do homem: o homem é um animal político porque é um animal do logos e vice versa. "Assim, o homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito, nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mau, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. Este comércio da palavra é o laço de toda sociedade doméstica e civil." (ARISTÓTELES. Política. p.4). Ser animal da Πόλις e ser animal que fala são coisas inseparáveis para Aristóteles. Porque os homens falam podem comunicar seus sentimentos de bem e mau, podem fazer parte de um tipo de associação em que a violência é substituída pela palavra e as leis

tornam-se os principais instrumentos que regulamentam os comportamentos. Porque o homem faz parte da Πόλις pode usar a palavra para expressar o sentimento ou o conhecimento mais profundo de bem e mau e aprender pela educação a obedecer e respeitar estes sentimentos. Na Política o homem existe para ser feliz e esta felicidade não pode desvincular-se da razão, logos. É pela palavra, pelo "comércio da palavra" que os homens garantem sua vida em sociedade, pois não se deixam levar unicamente pelas paixões. O homem é um animal que pode ser feliz porque pode ser virtuoso, pode ser virtuoso porque vive na Πόλις, pode viver na Πόλις porque fala, pode falar porque recebeu da natureza o dom de expressar seus sentimento de bem e mau. Pode expressar seus sentimentos de bem e mau porque os aprendeu na Πόλις.

Há um vínculo entre a concepção de homem como um ser que por natureza é político e os princípios gerais da filosofia de Aristóteles. Levando em conta a concepção de "causa final" pode-se dizer que Aristóteles entende que o bem de cada coisa está em sua plena realização. (Cf. ARISTÓTELES, *Metafísica*. A, I, 983a). O bem do homem está em sua felicidade e a felicidade acontece na Πόλις. Na "Política" a noção de perfeição da natureza e de finalismo aparece nas seguintes declarações de Aristóteles: *"Assim a natureza proveu todos os animais, tanto no momento de sua geração como quando atingiram a perfeição: aqueles por exemplo, que nascem de ovos, colocando sob o próprio alimento o suficiente até que nasçam; aqueles que pertencem à espécie vivípara, enchendo de leite o seio de sua mãe até a hora em que podem dispensá-lo. Da mesma forma, a natureza proveu as suas necessidades depois do nascimento; foi para os animais em geral que ela fez nascerem as plantas; é aos homens que ela destina os próprios animais, os domesticados para o serviço e para a alimentação, os selvagens, pelo menos a maior parte, para a alimentação e para diversas utilidades, tais como o vestuário e os outros objetos que se tiram deles. A natureza nada fez de imperfeito, nem de inútil; ela fez tudo para nós"* (ARISTÓTELES, *Política*. p. 19 ). Há nesta

afirmação um encadeamento de finalidades em que cada ser ao realizar-se permite que outro tenha condições de também completar-se. Há também nesta mesma afirmação uma faceta do pensamento aristotélico onde se pode afirmar a existência de um todo organizado no qual estão seres específicos com finalidades intrínsecas às suas respectivas unidades. Em cada um destes seres reina a necessidade, pois neles estão dadas duas possibilidades: realizar-se, fazer prevalecerem suas características próprias, sua natureza, ou corromper-se. O homem, como os demais seres tende a realizar sua natureza. Sobre isto Aristóteles afirma "O homem é por natureza, como dissemos desde o começo ao falarmos do governo doméstico e dos escravos, um animal feito para a sociedade civil. ... Assim, mesmo que não tivéssemos necessidade uns dos outros, não deixaríamos de desejar viver juntos. ... A própria vida é uma espécie de dever para aqueles a quem a natureza a deu e, quando não é excessivamente cumulada de misérias, é um motivo suficiente para permanecer em sociedade." (ARISTÓTELES, *Política*. p.44).

É também por natureza que o animal compõe-se de alma e corpo e que a primeira comanda e o segundo obedece. O homem, como os demais animais, é constituído destes dois elementos e é contra a natureza que nos vícios e depravações o corpo domine a alma. (cf. ARISTÓTELES, *Política*. p.12.) Corpo e alma são duas substâncias distintas: a alma, por sua vez, também é constituída de duas faculdades distintas "uma iluminada pela razão e outra que não possui esta luz". No que concerne à geração, o corpo é gerado antes da alma e na alma a parte carente de razão é anterior à razoável. No processo educativo dos homens, o legislador deve dar atenção primeiro ao corpo garantindo a sobrevivência da criança, depois aos instintos da alma e em seguida ao intelecto considerando que o raciocínio só lhes vem naturalmente com a idade (Aristóteles, *Política*. p.59). Na Πόλις a autoridade ou a razão do magistrado deve governar sobre as paixões dos homens. Das faculdades da alma, aquela que participa da razão deve comandar as que não participam dela. Entre os animais da mesma espécie,

incluindo os homens, os machos são superiores às fêmeas. Entre os pertencentes a espécie humana alguns são naturalmente escravos: "...é naturalmente escravo aquele que tem tão pouca alma e poucos meios, que resolve depender de outrem." (ARISTÓTELES, *Política*. p. 13) Estes não sabem utilizar a razão e apenas a percebem nos outros, diferem dos animais porque estes não participam de modo algum da razão. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*, p. 13). Todos os homens tem uma alma dotada das mesmas faculdades, mas de modo diferente: o escravo não deve de modo algum deliberar; a mulher tem direito a isso, mas pouco e a criança menos ainda." p. 31 . Aristóteles admite que esta questão da escravidão natural é discutível mas entende que em todos os lugares existem pessoas que foram predestinadas pela natureza para comandar e outras para obedecer e que a justiça esta no comando das primeiras e na obediência das segundas. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 15) Aristóteles afirma também que se deve considerar que esta autoridade do senhor sobre o escravo faz parte do governo doméstico e que o governo civil, o governo da Πόλις, pertence aos livres e iguais. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 16)

Os livres, iguais e nobres são os cidadãos (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 149). São cidadãos porque possuem estas características e possuem direito ao voto nas Assembléias, podem participar do exército, podem participar do poder público em sua pátria. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 36). Entre os iguais a participação no poder público deve ser alternada dando a possibilidade de cada um ter a sua vez. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 53). "É cidadão aquele que no país em que reside, é admitido na jurisdição e na deliberação. É a universalidade deste tipo de gente, com riqueza suficiente para viver de modo independente, que constitui a Cidade ou o Estado." (ARISTÓTELES, *Política*. p. 37). Segundo Aristóteles um estado bem constituído, que honre o mérito, não fará de um artesão um cidadão pois este não poderá ter o mesmo civismo de um homem livre que não se dedique a trabalhos servis. (ARISTÓTELES, *Política*. Cf. p. 39). Em outros

momentos, no entanto, ao analisar as várias formas de governo, Aristóteles observa que muitas constituições e governos permitem que operários e mercenários sejam cidadãos\_cf. p.39. Nestas situações o estagirita admite ser o melhor governo aquele que faça cada homem feliz (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p.50). Em outras palavras, mesmo tendo uma concepção de governo e cidadão ideais, Aristóteles ao analisar as formas reais de governo admite que nem sempre este ideal pode realizar-se e pensa o melhor estado possível como o melhor para os cidadãos que pertencem a ele. No que se refere aos indivíduos entende que " ... a cada um cabe uma felicidade proporcional à virtude e à prudência que tiver, e na medida em que age conformemente a ela. Exemplo disto é Deus, que é feliz não por bem exterior, mas por si mesmo e por seus atributos essenciais." (ARISTÓTELES, *Política*. p. 49).

É na Polis que os homens livres podem exercer domínio sobre outros homens livres. Trata-se de uma relação de poder bem diferente da relação entre senhor e escravo. (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p. 53). Acontece entre iguais e um dos aspectos desta igualdade está no poder de uso da razão por todos os cidadãos. Quando, no homem, a parte da alma que possui razão subordina aquela que não possui o homem realiza plenamente seu fim. Por sua vez a faculdade racional da alma divide-se em ativa e contemplativa (Cf. ARISTÓTELES, *Política*. p.55) e a vida melhor é a ativa porque a felicidade implica em ação. Para Aristóteles o fim do homem está na felicidade mas a ação que leva à felicidade não se separa da reflexão. O estagirita entende que o homem é senhor de suas ações quando elas incluem reflexão (ARISTÓTELES, *Política*. p.53). Dentre os cidadãos o melhor, aquele que merece ser governante é o homem prudente. Ele age reflexivamente na busca da felicidade. É um homem justo e moderado, suas ações possuem fins honestos (ARISTÓTELES, *Política*. p.53). Ele, na *Política*, parece realizar plenamente a conjunção das duas principais características humanas: O animal político e o animal do logos.

Cumpro, neste momento, saindo um pouco da Política e tomando como auxílio a interpretação de Rémi BRAGUE, observar sob novo ângulo a relação de unidade existente na dupla faceta do homem: política e racional. É clássico que os grandes intérpretes de Aristóteles tomem o termo *λόγος* e o utilizem como um marco distintivo entre o homem e os outros seres viventes. Rémi Brague, em seu livro intitulado *Aristote et la question du monde* diz que isto pode ser visto nos textos do estagirita mas lembra que a noção de *λόγος* em Aristóteles é mais abrangente e que só esclarecendo o significado desta distinção ter-se-á uma relação mais condizente o conceito de homem tal qual o entende o estagirita.

Na Política, Aristóteles mostrou o homem como animal capaz não só de reproduzir ruídos mas também de falar ou de dizer coisas com sentido e só por isto o homem pode viver na *Πόλις*. *Λόγος* aqui é visto como linguagem. Tomando esta versão, de *λόγος* Brague entende que o *λόγος* distingue o homem de outros viventes e sua matéria é a voz. Mas, mesmo que a linguagem seja um meio pelo qual o homem distingue-se dos outros animais esta distinção não pode ser vista como viram muitos intérpretes tradicionais. O homem não pode ser visto como um animal igual aos outros ao qual se acrescenta "... une superstructure langagière" (Cf. BRAGUE, p. 262). Em todas as dimensões do homem está o *λόγος* mesmo naquelas que parecem ser puramente animais. (Cf. BRAGUE, p. 262.)

Olhando o *λόγος* a partir desta sua onipresença no homem, Brague entende que ele é uma espécie de voz determinada (*φωνή*) pois sua função (da voz) é serviço ao *λόγος*, é ser matéria do *λόγος*. Como o ser humano é o único animal que possui o *λόγος* sua voz terá especificidades em relação aos outros animais. Mesmo os dentes terão nova função, pois servirão (além de para morder e mastigar) também para a articulação dos sons. A voz é um ruído mas não qualquer ruído, ela pressupõe "... que l'air vibrant provienne de l'intérieur du corps, grâce au souffle contenu et non

*grâce au souffle environnant. (...) Elle suppose ensuite que cet air ne soit pas seulement contenu dans l'organisme, mais qu'il y soit reçu (Ame. II, 8, 420b 16). Il faut donc, pour qu'il y ait voix, que celui que l'émet soit pourvu d'une âme, au sens le plus primitif du terme psyché: le souffle." (BRAGUE, p. 262)*

O ser animado é, para Aristóteles, um ser que respira e porque respira possui alma. O logos possui portanto uma natureza respiratória. (Cf. BRAGUE, p.262) Aristóteles afirma que alguns animais superiores que possuem pés também possuem em seu corpo calor em maior quantidade e isto deve-se ao pulmão. Ao pulmão, por sua vez, vincula-se à laringe possibilitando a produção dos sons vocais. (Cf. ARISTÓTELES, Ame. II,8,420b. Apud. BRAGUE, p.263). O calor do pulmão é um dos domínios pelo qual o homem torna-se o animal supremo. A voz articulada torna-se linguagem em consonância com a respiração, pois esta dá-lhe seu substrato. (Cf. ARISTÓTELES, Ame, II,8, 421a. Apud. BRAGUE, p.263).

Tomando como recurso uma passagem da Política (VII, 13, 133b 3-5), Brague mostra como se pode entender a frase: O homem é um animal que possui o logos. Nesta passagem Aristóteles pergunta-se: adquire-se a virtude (*ἀρετή*) por natureza, hábito ou *λόγος*? O estagirita responde: a virtude é adquirida por uma síntese desta três coisas. Os animais vivem por natureza, os animais superiores vivem também por hábito, o homem possui *λόγος* e pode convencer-se que é melhor viver diferentemente do hábito. BRAGUE conclui: "Le logos est la capacité de se laisser persuader. Il s'agit donc ici moins de la raison que du langage. (...) 'De même que les habitudes sont ce que produit un changement par rapport à la nature (Pol. VII, 13 1332b), de même le logos est ce que a prise sur les acoutumances comme sur la nature et que fait que l'on s'en écarte. (...) Nous sommes capables de changer sous l'influence du logos." (p.265)

Braque defende que, para Aristóteles, *λόγος* no homem, é "avant tout du rhétorique" e em segundo lugar "logique". (Cf. BRAGUE, p.266). *Λόγος* é em primeiro lugar a capacidade humana

de convencimento de si mesmo ou do outro, de modo que se possa mudar o hábito ou a natureza. Sua instância lógica consiste no processo do convencimento.

Seguindo os argumentos de Brague e alguns momentos anteriores deste mesmo trabalho, pode-se concluir que a linguagem só pode ser exercida numa comunidade de interlocutores e é a linguagem quem possibilita a relação do homem numa comunidade, numa existência política. Pode-se acrescentar um outro dado que corresponde a outra face da moeda no que se refere a concepção de homem aristotélica: a existência política também não é sem condicionamento físico. Em outras palavras o fato do homem ser um animal político também é enraizado em condicionamentos físicos. Brague, para explicitar esta idéia, toma a avaliação que Aristóteles faz da palavra Πρόσωπον. "*Chez l'homme, ce qui est entre la tête et le cou s'appelle visage (πρόσωπον), (partie du corps) que a reçu son nom de se qu'elle fait (praxis), à ce qu'il semble: en effet, à cause du fait qu'il est, parmi les animaux, le seul (qui se tient) droit, il est seul à regarder devant lui (πρόσωθεν ὄπωπε) et à émettre sa voix vers le devant.*" (PA, III, I, 662b 18-22. Apud. BRAGUE, p.267). Utilizando-se do vocabulário francês, Brague traduz este termo como "visage" e diz que o homem possui "visage" porque seu olhar "vise les choses" e porque as coisas estão à sua frente ele as "envisage". (Cf. BRAGUE, P. 267) A posse de Πρόσωπον ((que significa tanto face quanto olhar) é, como a posse da voz, uma consequência indireta do calor humano. (Cf. BRAGUE, p.267) e é esta posse quem possibilita que os homens possam dirigir-se uns aos outros, tornarem-se sociais. Por sua vez, o λόγος é emitido através de um rosto/olhar (visage - Πρόσωπον) e se dirige a outro rosto/olhar; o homem dirige a palavra a quem ele interpela e para quem para ele se volta. Λόγος no homem é a capacidade de se dirigir a outro ou se perceber como aquele a quem se dirige um discurso.

O λόγος é também a capacidade do homem ter acesso ao universal (Καθόλου) tanto no plano da vida prática

quanto no da vida teórica. Na vida política o universal aparece porque nela os homens/cidadãos devem submeter-se às leis que possuem um valor universal. (cf. BRAGUE, p. 268). Na Πόλις, o cidadão não deve especializar-se tornando-se artesão, comerciante, etc.. Aristóteles, segundo Brague, acredita que *"L'humain se distingue en effet de l'animal par son universalité. L'homme est à l'animal ce que le citoyen libre et oisif est au 'mécanique' (banausos). L'animal est comme un artisan tellement attaché à son métier qu'il se serait incorporé l'outil qu'il manie; et réciproquement, l'artisan n'est pas capable de développer l'humanité qu'il porte en lui aussi pleinement que le citoyen. Celui-ci est l'homme universel en ce qu'il vit, non pas comme maçon, ou laboureur, ou forgeron, mais comme homme. C'est chez lui que la vie apparaît comme telle, délivrée des 'vies' particulières, comme pur être-en-vie."* (BRAGUE, p.270).

A vida política não é "vida de", por exemplo vida de cão, de artesão etc. É vida comum onde é possível viver o lazer de modo virtuoso. Este comum só pode ser engendrado a partir da articulação da linguagem e deliberação de homens livres. Só na Πόλις o animal racional tem condições de realizar plenamente seu fim que é ser feliz ou ser plenamente humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Πόλις, forma mais perfeita dentre as associações humanas, existe como um todo que possibilita a felicidade dos indivíduos. Os homens só podem realizar-se como humanos quando dela fazem parte. É uma associação de pessoas iguais que visa a virtude e a felicidade. Sua alma ou seus elementos essenciais são: o exército, os tribunais e o Conselho; o primeiro porque defende materialmente a continuidade do todo, o segundo porque possibilita a manutenção das leis e o terceiro porque as cria. Sem leis não há como manter a igualdade e sem igualdade não há Πόλις perfeita.

Aristóteles reconhece que sua forma ideal de Πόλις nem sempre se realiza. Os governos reais nem sempre instalam-se a partir da virtude. O estagirita admite no entanto uma certa bondade natural no Estado pois mesmo que este nem sempre seja o melhor, pior do que estar em um Estado imperfeito é viver isolado. Só na Πόλις o homem substitui a vilência animalesca pelo λόγος que resulta em lei e justiça. Na Πόλις o homem faz-se homem porque nela, pela educação, ele aprende o justo e o injusto, supera a natureza e o hábito para viver, inspirado pelo λόγος. A Πόλις por sua vez, só pode existir se os homens entre si utilizarem "o comércio das palavras" e através delas deliberarem o melhor para si.

As concepções de homem como um ser que por natureza é político e racional relacionam-se com princípios mais gerais da filosofia aristotélica. Na natureza cada ser tem como fim realizar-se plenamente. No homem a causa final é ser feliz, por isto o homem é um animal feito para a sociedade civil, só como parte deste todo ele pode realizar sua causa final. Este animal que é o homem compõe-se de corpo e alma; a alma divide-se em uma parte que possui razão e outra que não a possui. A parte que

possui razão deve mandar naquela que não a possui assim como na Πόλις o homem que melhor sabe utilizar-se do λόγος tornando-se o mais virtuoso deve ser o governante. Este homem é aquele que possui a prudência e por sua virtude instala-se numa condição de superioridade em relação aos outros cidadãos, merece ser o governante.

Afirmar que o homem é um animal que possui o λόγος não é suficiente para entender seu conceito. Entre o animal que o humano é e sua capacidade de linguagem não há uma ruptura definitiva e sim continuidade. O mesmo se pode dizer da idéia que afirma ser o homem um animal político. Brague, embora não o faça explicitamente, nega qualquer possibilidade de um dualismo antropológico no estagirita. Há tanto no animal político quanto no animal do logos uma relação de condicionamento físico.

O político e o racional não diferenciam-se porque um representa um aspecto natural e necessário (racional) enquanto o outro, criado pelo homem, representa um aspecto artificial e institucional. Necessidade e criação humana entrelaçam-se, pois se o logos é entendido como linguagem esta só pode ser adquirida no interrelacionamento entre os homens. Se político é entendido como relacionamento entre homens livres visando a felicidade, este relacionamento só pode acontecer porque os homens nascem com a possibilidade de produzirem sons articulados e se comunicarem. O homem é naturalmente racional e político não só porque estas duas características lhe são próprias caracterizando sua essência mas também porque em seu corpo, quando nasce, está dada esta possibilidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2 ed. Madrid, Gredos, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*. Buenos Aires, Bibliográfica Omeba, 1967.
- \_\_\_\_\_. *A Política*. São Paulo, Atena Editora, 1960.
- \_\_\_\_\_. *A Política*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- AUBENQUE, Pierre. *La prudence chez Aristote*. 3ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1986.
- BRAGUE, Rémi. *Aristote et la question du monde*. Paris, Presses Universitaires de France, 1988.